

Irvine Welsh

SKAGBOYS

Tradução de
GALERA & PELLIZZARI

Rocco

Eu fiz o que eu fiz

Oito cartões de aniversário chegaram hoje de manhã: todos de gatinhas, e nem tô contando minha mãe e minhas irmãs. Que coisa mais meiga pra caralho. Um veio da Marianne, com uma súplica triste de “me liga” depois da avalanche desesperada de bilhetinhos de amor e beijos sensuais. Provavelmente se dando conta do fato de estar virando uma chata sem remédio com toda essa conversa de “vem pro casamento da minha irmã”. Por acaso eu pareço candidato a Consorte em Casamento de Pobre? De qualquer modo ela está de volta ao cenário, e portanto acabará severamente levando ferro sem dó mais cedo ou mais tarde.

Claro que o clima de animação acaba arruinado por um envelope marrom cagado do governo, me convidando pra uma entrevista de trabalho relativa a um invejável cargo de atendente de estacionamento em Canonmills. É empolgante que tenham lembrado de Simone, mas será preciso recusar de forma respeitosa e ter uma conversinha com meu parceiro Gav Temperley no escritório do auxílio-desemprego sobre esta intromissão nada bem-vinda. Esses caras que trabalham não compreendem a mente dos homens dedicados ao ócio. Estou desempregado por *escolha própria*, seus cretinos de merda; por favor, não *me* confundam com algum desses zumbis miseráveis que vagam em transe pela cidade em busca de um emprego que não existe.

Atendente de estacionamento. Mas nem fodendo, Milksnatcher e Bike Boy. Se aparecer uma vaga de Playboy Bilionário nessa porra de escritório, aí talvez eu me interesse!

Mas o melhor presente chega na forma de um telefonema. Feliz aniversário de vintidois anos, Simon David Williamson; aquele escroto enfim deixou o recinto! Recebo a notícia, transmitida por minha irmã Louisa, com uma elocução solitária e ofegante e um soco triunfante no ar. Dou uma olhadinha no dicionário, hoje é um dia M, e decido que minha nova palavra é:

MIOPIA. Substantivo feminino. 1. Vista curta. 2. Falta de imaginação, perspicácia ou discernimento intelectual.

Depois tô indo direto pros Banana!

Mas que beleza!

Quando chego no largo da Walk, começa a chover pra cacete; uns pingos gelados que chegam a arder na pele, mas abro um sorriso e estico meus braços descobertos, tô usando camiseta, e levanto a cabeça pro céu nesse dia lindo deixando a dádiva bondosa do Senhor resfriar minha pele.

Direto ao assunto; chego na coelheira dos Williamson no segundo andar desses cortiços construídos pelo sistema e que dominam o velho porto, não a merda ao sul da Junction e da Duke Street, que eu me recuso a considerar como Leith genuíno. – Simon... filho... – minha mãe implora, mas ignoro ela, Louisa e Carlotta e entro direto no budoar parental pra conferir se o babaca vaidoso e cheio de pose esvaziou o guarda-roupa de casacos e camisas. Seria um sinal certo de que ele *realmente* abandonou o barco em vez de tudo isso ser mais uma engrenagem de mecanismos futuros de manipulação. Meu coração quase sai pela boca enquanto abro a porta barulhenta. Sim! Não tem mais nada! MAS QUE BELEZA!

Nossa, depois de tudo que ele fez ela passar, qualquer um acharia que ela estaria bem feliz, mas Mama tá sentada no sofá, chorando e xingando a vagabunda que conquistou aquele coração de lata. – Aquela vadia fez lavagem cerebral nele!

Non capisco!

Ela devia estar agradecendo àquela vaca demente por ter levado pra longe aquele parasita imundo. Mas não: Louisa, minha irmã mais velha, também tá chorando no sofá, e a caçula, Carlotta, tá sentada aos pés dela que nem uma retardada. Parece uma família judia de Amsterdã que acabou de descobrir que o homem da casa foi levado pros campos!

Aquele porra só se mandou com uma piranha!

Fico de joelhos ao lado delas, segurando a mão gorducha da minha mãe, ainda com os anéis vagabundos dele, usando minha outra mão pra acariciar os cachos longos e escuros da Carlotta. – Ele não pode mais sacanear a gente, Mama. Vai ser melhor pra todo mundo. Não dá pra ser miope.

Ela assoa o nariz num lenço, mostrando as raízes grisalhas no cabelo tingido e duro de laquê. – Num acredito. Tá, eu sempre soube que ele era safado – ela diz com seu sotaque de pobre –, mas nunca pensei mesmo que ele ia aprontar uma dessa...

Eu tinha vindo pra cá pra dar apoio, inclusive prático se isso se fizesse necessário, porra, eu tava até pronto pra ajudar o babaca a fazer as malas, mas ele tinha maravilhosamente desaparecido. Se eu soubesse que ia ser tudo tão fácil, teria até quebrado o porquinho e comprado um Moët Chandon! Eu tava *ultra* a fim de comemorar. Vintidois! Mas chego aqui e só encontro tristeza, desespero e caras de cu.

Mas vai se foder. Eu me levanto, deixo elas abrindo o berreiro e saio pra fumar um cigarro. Chega a dar vontade de admirar o escroto pelo domínio que tem sobre elas. Meu pai: David Kenneth Williamson. Vi as fotos da minha velha quando era jovem: uma gata quente latina e morena, antes do macarrão fazer efeito e ela inchar até ficar do tamanho de um caminhão. Como é que ela foi cair na conversa de um vagabundo espertalhão daqueles?

A chuva parou e o sol voltou com tudo, removendo qualquer indício da existência da água exceto por uma ou duas poças no meio do calçamento irregular da Blocolândia lá embaixo. É bem isso que eu devia fazer, passar um pente-fino na casa inteira pra remover qualquer rastro daquele viado. Ao invés disso, dou uma tragada profunda e gostosa no Marlboro.

Olhando de cima prum Leith ensolarado como nunca, pego no flagra Coke Anderson saindo de um carro com a mulher e os pirralhos. A esposa, Janey, é sem dúvida um caco velho, mas devia ser uma delícia no auge e até que ainda rendia um caldo. Tá discutindo com o Coke, que vem se arrastando atrás dela, bêbado como sempre. O bicho burro não teve sequer um dia de sobriedade desde que foi aposentado por invalidez em mil novecentos e sei lá quando. Tenho pena do garotinho, Grant, que tem uns 8 ou 9 anos, porque sei como é horrível ter um pai que se recusa a tomar vergonha na cara; mas no meu caso a fonte dos problemas não era a bebida, mas as mulheres. Mas ô-lá... *transalerta, transalerta...* a filha virou uma bela duma gostosinha! Provavelmente vai inchar e virar uma pata antes dos 18, mas eu *certamente* não me incomodaria de dar uma provada nesse melzinho doce antes que estrague!

Escuto a discussão continuando enquanto sobem as escadas, o lamento anasalado e cheio de desculpas de Coke: – Mas Ja-ney... só me encontrei com o pessoal, Ja-ney... não me leva a mal, tá?

Como é mesmo o nome da filha... vem pro Simon...

– Vira o disco, pelamordedeus – resmungo Janey, trocando o lance de escadas e dando uma olhadinha pra mim antes de virar a cabeça de volta pro Coke – Fica longe de casa, Colin! Não incomoda!

Recebo o rostinho cor de beterraba do pequeno Grant com um sorriso compreensivo. *Entendo sua dor, meu garoto.* E a filha vem depois, fazendo beijo com os lábios de adolescente como se fosse uma modelo que acaba de saber que vai ter que trocar de roupa *mais uma vez* e dar outra volta na passarela antes de ter a chance de se entregar àquela muito bem-vinda carreira de pó e um vodca-martíni.

– Simon – Janey diz bruscamente ao passar por mim, mas a gostosinha, que se chama Maria, me dá uma esnobada. Bem loira e bronzada, me faz pensar

que devem ter voltado há pouco de férias em família em Majorca (onde Coke inevitavelmente se arruinou), o tom da pele tornado mais vivo pela saia preta apertada e o top amarelo-claro.

E de repente aquele nome...

Aquelas seriam as últimas férias em família daquela coisinha. De agora em diante vai ser Fodelança Ilimitada com um bando de viados ou algum vizinho sortudo e vigoroso. E Simon David Williamson talvez se candidate pra *essa* vaga aí. Louisa cuidava dela quando era pequena, e eu devia ter participado mais dessa história pensando na chance de ela virar uma gostosa. Mas quem poderia imaginar que aquela gorduchinha sem sal ia se transformar numa delícia cremosa num intervalo de seis meses?

Coke vem se arrastando atrás dos outros e enfim chega ofegando na sacada, com a cara estropiada toda suplicante, mãos viradas pra cima. – Mas, poxa, Ja-ney...

A mulher e os filhos entram no pardieiro do governo e Coke passa tropeçando por mim, mais parecendo um espantalho quando a porta bate bem na cara dele. Fica ali parado por uns dois segundos antes de se virar pra mim todo perplexo.

– Coke.

– Simon...

Não tô a fim de voltar pra dentro e ficar ouvindo Mama e *mie sorelle* choramingando sem parar sobre o fiadaputa que foi embora, e Coke parece *oficialmente barrado* da própria casa. Só faz um ano que saí daqui, mas a transformação pela qual a pequena Maria passou nesse tempo é um negócio transtornante. Preciso de informações mais detalhadas pros arquivos. – Quer tomar umas? É meu aniversário!

A perspectiva de beber mais deixa Coke um pouco animado. – Tô meio sem grana...

Penso nisso por um segundo. O que eu tenho a ganhar? Um possível convite paterno para adentrar a propriedade da família, e a oportunidade de cortejar a encantadora Maria. É um investimento, e o Velho Baxter vai ter que esperar mais um tempinho pela grana do aluguel. Além disso, meu amiguinho trabalhador de cabeça vermelha vem morar comigo, cansado das brigas de família em Chez Renton. Então tá, esse mês o aluguel é com o Rents. – Eu pago, amigão. Hoje é por conta do aniversariante!

Blackpool

Meio-dia de sábado

O rádio tá estourando enquanto eu, Dave Mitch, Les e Young Bobby da gangue cantamos junto com Nik Kershaw a plenos pulmões: – WOODINT IT BE GOOOOD TO BE IN YOUR SHOES, EE-VIN IF IT WAS FOR JUST ONE DAHY...³ enquanto Ralphy Gillsland, que tá aplainando uma tábua, torce a cara.

Eu tô meio agitado depois de ter tomado umas cervas a mais no Leith ontem à noite e a minha postura tá tão ruim por causa das minhas costas fudidas que eu quase arranquei fora a ponta do dedo tentando cortar o buraco da tranca nessa porta. Achei que o sangue não ia mais parar, mas estanquei com um curativo de algodão e gaze.

Caralho, dá pra sentir o *gostinho* do fim de semana, porque é uma manhã de sábado e a gente tá excluído, mas não por muito tempo! Fora essa hora extra, que é uma coisa boa porque a gente tá na cidade, fora da oficina, reformando esse bar em Tollcross, a semana até que foi boa. Perdi o concurso de cagalhão na segunda porque tava em Yorkshire na manifestação, e por causa disso Sandy Turner, o motorista, me derrubou do pódio com um premiadão de quase quarenta centímetros que tá esticado em cima de uma página emporcalhada do *Daily Record*, lá em cima do telhado da garagem nos fundos da fábrica, como o Les já me mostrou duas vezes. Mas as gaivotas escrotas já começaram a chamar a atenção. Os caras do escritório de aluguel de van que fica do outro lado da rua percebem elas gritando e voando em cima do telhado pra comer, e nos dias quentes o fedor sobe e entra de volta no banheiro. É questão de tempo pra chefia descobrir.

Claro que o Ralphy não tá nem um pouquinho feliz, porque ele quer que a gente fique trabalhando depois do expediente nessas mesas de bar. Por mais que eu teja gostando de trabalhar com marcenaria de verdade de novo, é hora do almoço de sábado, então simplesmente não vai rolar.

³ “Que bom seria estar na sua pele, mesmo que por um só dia.” (N. dos T.)

O Ralphy deve ter a cara mais grotescamente desastrosa de todo o universo. Ele tem umas papadas gigantescas que parecem lábios vaginais e um narigão aquilino que o Les descreve como um “clitóris avantajado”. Pra piorar, a boca dele é vertical em vez de horizontal. Uma vez o Les apelidou ele de “cara de buceta”. É verdade; é isso que ele parece! Ele é meio vermelho, como se tivesse acabado de levar uns tapas, e a imagem fica completa com o cabelinho ralo e mal cortado em cima, que fica parecendo uma depilação à brasileira. Ele tá resmungando pra caralho através do nariz de clitóris, mas eu só consigo pensar na noite de Northern Soul no Blackpool. – Cê tem que acabar de cortar os contornos, Mark, eles precisam estar prontos à noite pro Terry e o Ken poderem instalar amanhã cedo. Vai ter que ser.

Arrã, pode crer.

Eu só tô fazendo trabalho temporário, mas o Ralphy tá botando tudo nas minhas costas. Como se eu desse a mínima pro que ele acha que “vai ter que ser”. O que “tem que ser” é que ele é um careta ranzinza, o tipo de pequeno empresário que a Thatcher adora; um viado mesquinho, acomodado e espiritualmente morto que vive se gabando de “trabalhar duro pra sustentar a família”. A inferência é que todo mundo tem que sair da frente e deixar que caguem na sua cabeça em nome desse bem mais nobre. O que o viado esquece é que cê *conheceu* a família dele; uma esposa gordalhona, sovina, asquerosa e com um vácuo no lugar da alma, e uma prole mutante e execrável. Aí cê pensa: que se *foda* a sua família, seu saco de merda com cara de buceta; a sua família é uma *praga* que devia ser exterminada antes de transmitir seu legado e transformar essa porra desse mundo num lugar ainda mais intoleravelmente chato e maligno do que já é. Então junta a sua merda e vai pra puta que pariu, seu filho da puta ganancioso.

Pretendo explorar ao máximo a posição agradável em que me encontro nesse trampo de verão com meu antigo empregador, antes de voltar pra academia. – Tô indo nessa, Ralphy.

– Eu também – diz Davie Mitchell, aproveitando a deixa. – Tenho uns lances pra resolver, tá ligado?

Bom, isso basta pra fazer balançar aquelas dobras faciais. Os olhos do Ralphy queimam de tanta dor. É como se ele tivesse nos flagrado roubando as batatinhas de forno McCain do prato de seus *kinder*.

– O cara merece uma cervejinha no sábado. – Les vem dar apoio. Les é um gordo mais ou menos da idade do meu pai, com um cabelo loiro ralo e uma cara vermelha de bebum. Vive tirando sarro de tudo. – Até o nosso jovem Bobby aqui tem um filminho pra ver com a namorada, né, Bobby?

Bobby tá com um sorriso estampado na cara de pudim e os olhos escuros e femininos brilham de más intenções quando aparecem por baixo da franja comprida. – Pode crer. Vou passar o salame numa mina aí – diz ele antes de largar aquela risada dele, um zurro estremeedor que sempre faz a gente cair no riso junto com ele, mas que deixa o Ralphy totalmente escandalizado. Dá pra reparar quando ele confere as unhas imundas do Bobby, imaginando que tão rasgando o hímen da filha adolescente dele na última fileira de um pulgueiro qualquer.

– Ah, vamos, rapazes – ele choraminga, ficando todo amigão e conciliador no instante em que se escuta aquele som *final* das ferramentas sendo largadas. – Cês podiam ficar pelo menos mais uma hora!

Fica todo mundo olhando pro chão, guardando as ferramentas. Les fica cantando em estilo Sinatra: – ... *to walk away from someone who means everything in life to you...*⁴

Ralphy fica parado com as mãos na cintura. – Mark – ele roga –, cê não costumava me deixar na mão, parceiro...

Eu *sempre* deixava o viado na mão, mas minha ausência de um ano em Aberdeen fez o coração dele amolecer. Mas esse apelo patético e de transparente teor manipulativo fracassa miseravelmente. Ele tá esquecendo que quando pedi a folga na segunda pra participar da manifestação ele disse: “Bem sua cara. Vai lá apoiar uns vagabundos que não querem trabalhar enquanto tem trabalho de sobra aqui.”

Bom, então que se foda, seu grelo ambulante, completei minhas horas e vou cair fora. – Nada feito – digo com ar pesaroso, então arreganho os dentes, arregalo os olhos e imito a voz de George Formby cantando: – Ah ave ter be in luv-er-lee little Lan-ca-sheeeerrrr...⁵

Les e Bobby se unem a mim com seus ukuleles imaginários e fazemos uma rápida *jam session*, mas *nem fudendo* a gente fica mais uma hora aqui. Abandonamos o viado choramingão alegremente e vamos pro bar em Port Hamilton. Tomo umas cervejas rapidinho e vou logo pra casa pra me trocar e encontrar os outros.

E então Tommy, Keezbo, Segundo Lugar e eu tamo indo pra festa do Blackpool no carro do Tam. Preparei uma fita e o Otis Blackwell tá quebrando tudo com “It’s All Over Me”. Nada supera um pouco de Northern Soul, e o Wigan Casino da nossa adolescência faz muita falta. Mas essa promete ser uma boa noi-

4 Afastar-se de alguém que significa tudo na sua vida...” (N. dos T.)

5 “Preciso estar na adorável e pequena Lancaster...” (N. dos T.)

te, a festa foi organizada por um dos caras originais do Blackpool Mecca. Tam fica o tempo todo na direção com aquele penteado escandaloso de jogador de futebol dos anos setenta; eu tô atrás com o Keezbo, sentando todo torto por causa da porra da dor nas costas, tentando manter o peso na bunda esquerda. Não é exatamente a posição mais cobiçada, porque esse gordão ocupa todo o espaço, com as mãos descansando em cima da barriga como um Buda ruivo. Segundo Lugar, que tá com a cabeça raspada com máquina um, o que ressalta suas feições rígidas e os ângulos salientes do crânio e faz ele parecer mais barra-pesada do que realmente é, tá no banco do passageiro. Ele e o Keezbo tão bebendo, sendo que ele tá bebendo pesado, e eu tô só fingindo e colocando a língua na boca da garrafa de vodca quando ela passa por mim. Não sou muito fã de vodca pura e quero ficar inteiro pra aproveitar a dança e o barato da maconha.